



Data: 24.02.2011

Título: NAO SE PODE CRIARA ILUSÃO DE QUE UM GRAU DÁ EMPREGO

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 10;11



Conversas com Norte

ALBERTO CASTRO, ALEXANDRE QUINTANILHA E JOSÉ LEITE PEREIRA MODERADOR

NÃO SE PODE CRIAR A ILUSÃO DE QUE UM GRAU DÁ EMPREGO

Dois professores universitários à conversa sobre uma geração apelidada de parva que surgiu com base numa canção dos Deolinda. A formação e qualificação. O mérito e as cunhas.

Área: 1452cm² / 76%

Tiragem: 133.131

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3525732



Alberto Castro (à esquerda) e Alexandre Quintanilha (à direita), em mais uma edição das Conversas com Norte, moderada pelo director do IN, José Leite Pereira

José Leite Pereira (JLP)- Temos uma geração pronta para dar o seu trabalho ao país, que não está preparado para a receber. Como educadores, como encaram o problema?

Alberto Castro (AC): Há muitos jovens disponíveis para trabalhar e não há condições para os empregar. Por vezes, as crises põem a nu falhanços das decisões políticas: muitos têm qualificações em áreas onde era mais ou menos óbvio que não haveria emprego. Enquanto a economia cresceu, apareceram outras ocupações, mas quando estagnou isso deixou de acontecer. A crise ensina que um título não é sinónimo de emprego e que a qualidade das instituições é um factor a ponderar.

JLP: Mas nem todos podem ir para as melhores escolas...

AC: Mas pode pôr-se pressão. É inevitável haver uma hierarquia de instituições que se traduz depois em diferenças salariais. Também há uma discrepância quase absoluta entre as qualificações e o que é procurado. Não temos condições para absorver dezenas

de milhares de pessoas com qualificações no mesmo domínio. Não se pode criar a ilusão de que um grau dá emprego e que isso é um direito, que é a parte conservadora do discurso da geração parva ou à rasca. Fala-se muito do desemprego desta geração, que crescido como resultado da crise, mas também quem cresceu mais no emprego foram os licenciados. Por isso, quem tem as qualificações adequadas e qualidade nessa formação arranja emprego. Os outros não estão perdidos: há formações, reciclagens. E as pessoas têm que perceber que não é preciso fazer todo o trajecto na mesma profissão.

JLP - Há muitos jovens que tentam outras áreas, diferentes da sua formação, até se fixarem...

Alexandre Quintanilha (AQ): É extremamente positivo o país dar oportunidade a que muito mais gente possa ter treino universitário. Por outro lado, já vimos que os países, as políticas e as economias que planeiam demasiado, em geral, se enganam. Há um dilema natural: a democratização do ensino faz com que, ao sair da universidade, haja mais com-

petição para os lugares existentes e ainda mais para os desejados. Claro que, quando estão em crise, os países têm menos emprego para oferecer, o que pode servir como um estímulo para que as pessoas, por si próprias, tentem arranjar outras soluções. E o mal de algumas instituições universitárias é darem um treino demasiado específico, porque há uma enorme dinâmica e aquilo para que fomos treinados pode não ter nada a ver com o que vamos fazer a seguir. Eu sou o exemplo perfeito disso: comecei por estudar engenharia, passei para física teórica, depois fiz biologia, ambiente e agora estou interessado em sociologia. Sou um bom exemplo do tipo de pessoa que, não sendo um génio, se interessou por coisas diferentes ao logo da vida e se foi aproximando dessas áreas. É verdade que os nossos jovens estão numa situação difícil, mas criar a ideia de que não vão para a universidade é perigosíssimo.

JLP: O que levanta outro problema. Não se pode dizer que não vale a pena estudar...

AQ: Não, é fundamental os jovens estarem convencidos de que o conhe-

cimento – qualquer que seja – é útil. Fala-se na globalização, mas uma percentagem muito grande do planeta tem medo, porque na globalização há sempre algum sítio onde é mais barato produzir. A forma de competir é ter mais conhecimento. Quem tem mais conhecimento tem mais oportunidades, pode arranjar emprego no Porto, Maia, Espanha, França, ou noutro sítio qualquer.

JLP: Então de que forma devemos olhar para este movimento?

AQ: Natural, mas perverso.

JLP: Perverso, no sentido de que estará por trás algum aproveitamento partidário?

AC: Não sei, mas não subscreveria o perverso. Parece-me que há um desencanto, desilusão, que faz algum sentido. Esta é a primeira geração que olha para a frente e não vê um futuro melhor que o dos seus pais. Até agora, podíamos ir devagarinho, mas achávamos que o mundo ia ser melhor.

AQ: Eu já digo isso há 20 anos...

AC: Olhando para trás, acho que o meu mundo é melhor que o dos meus pais, mas não tenho a certeza que o do meu filho seja melhor

“Estou desiludido com este movimento porque me parece conservador”

do que o meu e o do meu neto melhor do que o do meu filho. Por isso, há uma razão natural para a frustração. A questão é como dar a volta. Estou desiludido com este movimento porque me parece extremamente conservador. Só falta que apareça um “iluminado” que ache que resolve o problema pela via administrativa. É uma parte do discurso vai nesse sentido: nós temos direito ao emprego. E como é que se cria esse emprego? São os empresários, é o Estado? Têm que ser os próprios a tomar o destino nas suas mãos. Nalguns casos, requalificando-se, fazendo reciclagem. Por exemplo, eu sou responsável por um mestrado em gestão, em que mais de metade dos alunos vem de outras áreas, e uma das melhores

alunas tem formação em música, mas uma determinação absoluta.

AQ: E querem mudar. Eu tenho um exemplo parecido, quando há quinze anos começamos um programa de Doutoramento na Gulbenkian, a que chamavam, na altura, os super-doutores. Aceitávamos quinze alunos por ano e metade nem sequer era da Biologia. Quando entrei para a Universidade nunca me preocupei se iria ter emprego.

JLP – Não era uma preocupação...

AQ: Agora, as pessoas estão [preocupadas]. Isso exerce uma pressão enorme sobre os pais e sobre as crianças, acerca do curso a tirar para garantir um emprego, o que hoje em dia é cada vez mais difícil.

JLP – E já não há empregos para toda a vida, também...

AQ: Tem que haver uma alteração na forma como olhamos, não só as pessoas, como a própria sociedade, percebermos que o sistema está diferente. É preciso que se queira fazer isso. Nem toda a gente se sente bem com a instabilidade.

JLP – E num período de instabilidade, como o que vivemos, o que fazer com os jovens, que são quase um milhão e andam perdidos?

AQ: Ia dizer, muito cinicamente, que temos um problema e uma oportunidade, mas convém ser cauteloso. Estes jovens estavam à espera de um mundo melhor e não é óbvio que o vão ter. Temos que arranjar mecanismos para dar às pessoas auto-estima suficiente para sentirem que têm capacidade e que falhar uma ou duas vezes não é um problema. Nesta sociedade, há muito medo de falhar. Todos falhámos já várias vezes e aprendemos com isso. Os jovens que acabaram cursos universitários têm o mundo à sua disposição e há tantos sítios onde são necessários...

JLP: Mas alguns precisavam de ir trabalhar no imediato para fugir ao encargo que são para os pais.

Ontem, passeando pelo site que convoca a manifestação de 12 de Março, vi críticas à situação política e considerações que não têm nada a ver com a realidade, mas que encaixam na situação de descontentamento desta geração. Falo em aproveitamento político porque pres-

sinto (não tenho dados) que há alguma utilização para adensar o descontentamento geral com base na situação dos jovens.

AC: É natural. Mais uma vez, a luta política também passa por aí. Há um conjunto de potenciais votantes e mais vale que os mobilizem para votar, num quadro democrático, do que o façam para a abstenção ou para outro tipo de mobilizações mais disruptivas. Confluem, neste momento, um conjunto de dinâmicas, não apenas nacionais mas também internacionais, que nalguns casos romperam com os nossos paradigmas, as maneiras de pensar. Mas não fomos capazes de incorporar isso no nosso dia-a-dia e na nossa maneira de pensar o futuro. Voltando à globalização, diz-se que não há emprego estável, o trabalho é precário, mas as empresas também não têm mercados estáveis. Quando não havia globalização, se o país era fechado, os mercados estavam à espera. Hoje não estão e a procura que existe hoje não existe amanhã. Isto é o contexto geral: parece muito agressivo mas propicia imensas oportunidades. E dou o exemplo do Inov Contacto, um programa de estágios profissionais no estrangeiro, em empresas portuguesas ou internacionais, que é duplamente positivo, porque abre horizontes e demonstra continuidade política. Existe há cerca de 14 anos, por ele já passaram milhares e milhares de jovens que, em cima da experiência Erasmus, passaram a ter uma experiência profissional e muitos acabaram

“Estes jovens estavam à espera de um mundo melhor e não é óbvio que o vão ter”

por ficar lá fora. Quando se fala da “fuga de cérebros”, deve-se pensar que há outros que vêm, algumas escolas começam a atrair estrangeiros. Esta lógica fatalista devia ser substituída por uma perspectiva optimista: dar oportunidades, fazer reciclagem, requalificação; criar incentivos para que as pessoas possam falhar uma, duas vezes, e não



Data: 24.02.2011

Titulo: NAO SE PODE CRIARA ILUSÃO DE QUE UM GRAU DÁ EMPREGO

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 10;11

serem estigmatizadas, dar espaço à criatividade. Este discurso dos direitos, tenho direito a um emprego, estudei do outro lado da rua... Nos EUA e na Inglaterra, quando se acaba o liceu, não se fica a estudar na universidade da terra. Aqui, queríamos uma universidade em todas as terras e, se possível, do outro lado da rua. Deve haver apoios sociais aos estudos e sobretudo linhas de crédito.

AQ: Receio que esta crise, num país como Portugal, mine ou acabe com a meritocracia. Há um número cada vez maior de pessoas a pensar que vai encontrar emprego se conhecer a pessoa certa, se tiver uma “cunha”, se encontrar um sítio que o proteja, o que é terrível. Num sistema como o que estamos a defender, é basilar que as melhores pessoas são as que encontram o emprego que querem. Também a questão da protecção dos pais – de que já se falou – é muito portuguesa. Os americanos começam logo a empurrar as crianças para se tornarem independentes. Em Portugal, conheço dezenas de famílias dão o primeiro carro e o primeiro apartamento aos filhos, o que para mim é inconcebível. Se [a meritocracia] for minada, tira-se a confiança dos que são muito bons e trabalharam muito para serem recompensados. A pior coisa que a crise pode trazer é a destruição dessa noção que temos vindo a desenvolver, e que me parece muito frágil nesta altura.

AC: Concordo, um dos perigos que há é o encontrar as escapatórias ou as cunhas, ou o nivelamento por baixo: todos “pobretes e ale-gretes”, que era o velho Portugal.

LUÍSA MOREIRA EDIÇÃO
lmoreira@jn.pt



OUVIR VERSÃO INTEGRAL
www.jn.pt/multimedia



“Receio que esta crise, num país como Portugal, mine ou acabe com a meritocracia”

Alexandre Quintanilha
INVESTIGADOR



“Um dos perigos que há é o encontrar as escapatórias ou as cunhas, ou o nivelamento por baixo”

Alberto Castro
ECONOMISTA E PROFESSOR DA UNIVERSIDADE CATÓLICA